

Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020



Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2

Marcelo Pereira da Silva
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2020



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	<p>Linguagens e princípios teóricos-metodológicos das ciências da comunicação 2 [recurso eletrônico] / Organizador Marcelo Pereira da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-114-5 DOI 10.22533/at.ed.145201606</p> <p>1. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 2. Comunicação – Metodologia. I. Silva, Marcelo Pereira da.</p> <p style="text-align: right;">CDD 303.4833</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As mudanças pelas quais os Estados-nação, as sociedades, os sujeitos e organizações têm passado em termos econômicos, culturais, políticos, econômicos, tecnológicos, sociais, identitários e idiossincráticos projetam luzes sobre os horizontes, desafios, possibilidades e perspectivas para o campo dos estudos da comunicação na contemporaneidade.

Nesse sentido, a obra intitulada “Linguagens e Princípios Teórico-Metodológicos das Ciências da Comunicação 2” debate o(s) lugar(es) do campo, da ciência e das profissões da comunicação em um mundo hiperconectado e permeado pela cultura de consumo, pelo império do efêmero e pelos imperativos das redes e mídias sociais da Internet que encorpam emergentes modos de interação, diálogo, negócios, entretanto, também, de conflitualidades, discursos de raiva, desrespeito, cancelamento e vigilância.

Entendemos, nesta obra, que a comunicação tem como horizonte: 1. A coabitação de visões e percepções, muitas vezes, conflitantes; 2. A convivência e a coabitação. Estes fatores representam um grande problema, mas podem oferecer uma prodigiosa solução quando tratamos do cenário interativo-informacional do ecossistema comunicativo, posto que porta uma vocação democrática, ampliando os espaços de fala e expressão dos sujeitos.

As linguagens e princípios teórico-metodológicos das ciências da comunicação revelam a intrínseca relação entre comunicação e democracia. Nesse universo, as redes da Internet tornam-se o epicentro da profusão e legitimação da participação, colaboração e interação entre sujeitos, organizações e Estados. Em um mundo aberto no qual cada sujeito quer ter o direito e a liberdade de manifestar opiniões a respeito de tudo – e de todos –, o ecossistema digital é um habitat propício para tensionar organizações e poderes instituídos acerca de suas práticas, posicionamentos e políticas.

O poder, antes concentrado nas mãos dos grandes conglomerados de comunicação e vincado no modelo “de um – para muitos”, no contexto da comunicação virtual possibilitou uma maior participação social, legitimando o modelo de comunicação “de muitos – para muitos”, o qual é síncrono e independente das distâncias geográficas, afetando rigorosamente as diretrizes de construção de significado e a produção de relações de poder.

Com os meios de comunicação de massa tínhamos os sujeitos tecnologicamente alijados da participação ativa no processo comunicativo, relegados à condição de excluídos do processo de construção da mensagem que chegava; hoje, os fluxos de informação, produção e disseminação são pluridimensionais. Destarte, a comunicação inclui ligações preferenciais e a preferência pelas diversidades,

conectando sujeitos a organizações, populações a instituições governamentais, ativistas a movimentos sociais e cidadãos a cidadãos. Esse mundo informativo nos convida a analisar e aplicar as metodologias, epistemologias, teorias e linguagens que emergem da consolidação da comunicação e das novas socialidades propiciadas pela cultura de conexão, convergência e participação no contexto da sociedade contemporânea.

Sob essas premissas, este e-book reúne artigos de pesquisadores de todo o Brasil que vem se dedicando a investigar a comunicação por meio de variadas facetas, levando em conta sua natureza essencialmente dialógica, humana, participativa, caleidoscópica e complexa.

Marcelo Pereira da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CIBERTEOLOGIA: COMUNICAÇÃO E FÉ NO ECOSISTEMA VIRTUAL	
Rodolpho Raphael de Oliveira Santos Marcelo Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1452016061	
CAPÍTULO 2	14
METODOLOGIA Z UMA PROPOSTA PARA A ENGENHARIA DE SISTEMAS DIGITAIS PARA GESTÃO DA INFORMAÇÃO	
Paulo Sérgio Araújo Luis Manuel Borges Gouveia	
DOI 10.22533/at.ed.1452016062	
CAPÍTULO 3	42
AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) E O PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (LE)	
Elizabeth Regina Makiko Moriya Uemura Edson José Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.1452016063	
CAPÍTULO 4	53
A OPINIÃO PÚBLICA AINDA NÃO EXISTE? PENSANDO AS PESQUISAS DE OPINIÃO PÚBLICA NA ERA DO BIG DATA SEGUNDO AS CRÍTICAS DE BOURDIEU EM <i>A OPINIÃO PÚBLICA NÃO EXISTE</i>	
Pedro Neris Luiz Caldas	
DOI 10.22533/at.ed.1452016064	
CAPÍTULO 5	65
AS PESQUISAS DOS ANTROPÓLOGOS SARAH BOHANNAN E CLIFFORD GEERTZ E DO TEÓRICO CULTURAL STUART HALL PARA PENSAR O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.1452016065	
CAPÍTULO 6	78
COMPORTAMENTO DO CONSUMIDOR FRENTE ÀS COMPRAS EM SUPER E MINIMERCADOS NA CIDADE DE PATOS-PB	
Francisca Érika Nobrega da Silva Mariana Tomaz Silva Patrícia Lacerda de Carvalho Tatyanna Nadabia de Souza Lima Paes	
DOI 10.22533/at.ed.1452016066	
CAPÍTULO 7	92
PUBLICIDADE, CONSUMO E NOVAS TECNOLOGIAS: UM ESTUDO DOS NOVOS COMPORTAMENTOS DO CONSUMIDOR NA SOCIEDADE EM REDE	
Danilo de Souza Moura José Maurício Conrado Moreira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1452016067	
CAPÍTULO 8	104
DO VINIL AO STREAMING: FORMATOS DE DIFUSÃO E ARMAZENAMENTO DE MÚSICAS E	

SUAS RELAÇÕES COM A EXPERIÊNCIA DO OUVINTE

[Carlos Phillipe Kelency](#)

DOI 10.22533/at.ed.1452016068

CAPÍTULO 9 114

FESTA DE SÃO SEBASTIÃO. Espaço Simbólico e de Pertencimento Quilombola, Rio Andirá, Fronteira Amazonas/Pará

[João Marinho da Rocha](#)

[Marilene Corrêa da Silva Freitas](#)

DOI 10.22533/at.ed.1452016069

CAPÍTULO 10 124

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA CONTRA AS DE MATRIZ AFRICANA NA MÍDIA HEGEMÔNICA: ANÁLISE DE CONTEÚDO NOS JORNAIS “O GLOBO” E “O ESTADO DE S. PAULO”

[Roberto Marcello](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160610

CAPÍTULO 11 137

A MULHER NEGRA COMO APRESENTADORA DE TELEVISÃO

[Ana Carolina Huertas Antonio](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160611

CAPÍTULO 12 149

NINJA ES: COLABORAÇÃO E COMPARTILHAMENTO NA TERRITORIALIDADE INFORMACIONAL DURANTE AS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS CAPIXABAS

[Ana Paula Miranda Costa Bergami](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160612

CAPÍTULO 13 162

A QUESTÃO DA INDEPENDÊNCIA DA CATALUNHA:
UM BALANÇO DO IMPACTO MUDIÁTICO DO SEPARATISMO ESPANHOL

[Rodolfo Silva Marques](#)

[Bruno Da Silva Conceição](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160613

CAPÍTULO 14 176

UMA MANCHETE EM REVISTA: destacabilidade e aforização

[Luís Rodolfo Cabral](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160614

CAPÍTULO 15 188

EVENTOS COMO MEIO DE COMUNICAÇÃO E DE CONSUMO: UMA ANÁLISE HISTÓRICA – SOCIOCULTURAL E ECONÔMICA DOS BANQUETES AS CASAS DE EVENTOS

[Iêda Litwak de Andrade Cezar](#)

[Joseana Maria Saraiva](#)

[José Alberto de Castro](#)

DOI 10.22533/at.ed.14520160615

SOBRE O ORGANIZADOR..... 206

ÍNDICE REMISSIVO 207

AS PESQUISAS DOS ANTROPÓLOGOS SARAH BOHANNAN E CLIFFORD GEERTZ E DO TEÓRICO CULTURAL STUART HALL PARA PENSAR O PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

Data de aceite: 05/06/2020

Data de submissão: 26/05/2020

Roberta Brandalise¹

Faculdade Cásper Líbero

São Paulo, SP

<http://orcid.org/0000-0001-7115-8372>

RESUMO: Estudamos como as estratégias teórico-metodológicas propostas pelos antropólogos Sarah Bohannan e Clifford Geertz são férteis para as pesquisas de Comunicação, especificamente, na construção de conhecimento sobre os processos de comunicação em relação a alteridade e a circulação de sentidos entre a produção e o consumo. Para tanto, demonstramos as aproximações entre essas abordagens e as da comunicação na contemporaneidade, enriquecida pelos diálogos com outras perspectivas, em especial, a do teórico cultural Stuart Hall. Analisamos como o caso de Cohen e os carneiros (Geertz), o da leitura de Hamlet junto aos Tiv (Bohannan) e o da indicação do juiz Clarence Thomas à Suprema Corte dos EUA (Hall) articulam-se conceitualmente e

metodologicamente de forma semelhante. Identificamos como a Comunicação oferece, tal como a Antropologia Cultural e os Estudos Culturais, e, inclusive, com a contribuição destes saberes, conhecimento e problematização sobre a materialidade sociocultural.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Antropologia; Estudos Culturais; Epistemologia; Metodologia.

RESEARCH BY ANTHROPOLOGISTS SARAH BOHANNAN AND CLIFFORD GEERTZ AND CULTURAL THEORIST STUART HALL TO THINK ABOUT THE COMMUNICATION PROCESS

ABSTRACT: We studied how the theoretical-methodological strategies proposed by anthropologists Sarah Bohannan and Clifford Geertz are fertile for Communication research, specifically, in the construction of knowledge about communication processes in relation to otherness and the circulation of meanings between production and consumption. To this end, we demonstrate the similarities between these approaches and those of contemporary communication, enriched by dialogues with other

¹ Doutora e mestre em Ciências da Comunicação formada pela ECA/USP. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação e coordenadora de Cultura Geral, na Faculdade Cásper Líbero. E-mail: robertabrandalise@brb.com

perspectives, in particular, that of the cultural theorist Stuart Hall. We analyzed how the case of Cohen and the sheep (Geertz), that of Hamlet reading with the Tiv (Bohannan) and that of the appointment of Judge Clarence Thomas to the US Supreme Court (Hall) are conceptually and methodologically articulated in a similar way. We identified how Communication offers, such as Cultural Anthropology and Cultural Studies, and even with the contribution of this knowledge, knowledge and problematization about sociocultural materiality.

KEYWORDS: Communication; Anthropology; Cultural Studies; Epistemology; Methodology.

1 | O MÉTODO ETNOGRÁFICO E A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS PARA PESQUISAR COMUNICAÇÃO

Clifford Geertz (1978, p. 13-41) expõe que o método etnográfico, a própria ação de “descrição densa” das culturas, permite fixar o fluxo do discurso social em uma “forma inspecionável” (GEERTZ, 1978, p. 29). Este registro é necessário para desenvolver o processo interpretativo das culturas porque permite a percepção de uma “hierarquia estratificada de estruturas significantes” (GEERTZ, 1978, p. 17) e a análise de sua “base social” e “importância” (GEERTZ, 1978, p. 19). Em realidades sociais caracterizadas pela diversidade cultural, ele evidencia que “o significado varia de acordo com o padrão de vida através do qual ele é informado” (GEERTZ, 1978, p. 24). Essas proposições fazem de Geertz um pesquisador basilar para pensar os processos de comunicação, uma vez que na área da Comunicação nos defrontamos com o estudo da instituição social de sentidos, da produção ao consumo, ao longo da história, em contextos socioculturais diversos, dos mais simples aos mais complexos, com ou sem mediação tecnológica.

O caso de Cohen e os carneiros – um evento ocorrido em 1912, no Marrocos – é exemplar para compreender como a estratégia teórico-metodológica de Geertz é um saber fértil para o campo da Comunicação, e dialoga com o repertório da análise do discurso e dos estudos culturais, referências que já foram incorporadas como clássicos nos estudos de comunicação contemporâneos. O caso narrado por Geertz foi contado a ele por um de seus “informantes”, jargão da Antropologia para se referir àqueles que de alguma forma contribuíram com o desenvolvimento da pesquisa, facilitando ou intermediando a imersão do cientista na pesquisa de campo. A ideia de contar, ou de relato, é fundamental para compreendermos o processo de elaboração e circulação de sentidos nos processos de comunicação, que estão plasmados aos processos culturais estudados por Geertz.

Na narrativa é possível identificar três grupos étnicos, os berberes, os judeus

e os franceses, participando da sociedade marroquina e vivendo na região aos arredores da “área de Marmusha”. Na época, o Marrocos acabara de tornar-se um Protetorado Francês, encontrando-se portanto sob o domínio político e econômico desse grupo étnico europeu que tinha chegado recentemente à região. Com isso, era possível observar na comunicação intercultural cotidiana o contraste entre as tradições culturais locais que alicerçavam as regras da vida em sociedade e as tradições culturais dos franceses, que trouxeram suas próprias noções de como deve dar-se a vida em sociedade.

Cohen é um judeu que falava berbere fluentemente e que teve sua loja saqueada por uma tribo de berberes que ainda não havia se submetido aos franceses. De acordo com a cultura local, uma situação como essa deveria ser resolvida fazendo uso das regras sociais estabelecidas pelo *Mezrag* (que é um pacto comercial), segundo o qual aquele que é roubado deve ser ressarcido pelo prejuízo. Por isso, Cohen queria ser indenizado, ou seja, ele queria cobrar o seu *ar*, que é como se chamava a indenização que deveria corresponder a quatro ou cinco vezes o valor do que lhe foi roubado. Os franceses que agora dominavam a região haviam proibido o *Mezrag*. Entretanto, eles não tinham como garantir a segurança de todos no lugar e esse era um dos motivos pelos quais o *Mezrag* seguia sendo cultivado.

Como a tribo que o havia roubado estava em “rebelião aberta” contra os europeus, Cohen dirigiu-se a uma das autoridades francesas, o Capitão Dumari, a fim de pedir autorização para cobrar sua indenização, no que o xeque tribal Marmusha (que seria o seu “portador-*mezrag*”) o ajudaria. O francês acabou autorizando verbalmente a empreitada sem responsabilizar-se pelas consequências. Assim, Cohen, o xeque Marmusha e um grupo armado capturaram um pastor da tribo dos ladrões e roubaram seus rebanhos. Inicialmente os berberes pretenderam revidar o ataque, entretanto, pelo fato de as tradições culturais locais serem conhecidas e em alguma medida partilhadas entre os grupos étnicos que se encontravam naquela situação, além do fato de os berberes não quererem entrar em guerra com os Marmushas, ao invés de guerra, houve uma parlamentação. Os berberes não podiam negar que houve o roubo e até a morte de dois judeus durante o saque. Então, decidiram ressarcir Cohen com quinhentos carneiros que ele mesmo escolheu no rebanho.

Quando Cohen retornou com o rebanho e contou o que se passara aos franceses, foi acusado por eles de ser um espião berbere. Por isso foi preso e teve seu rebanho confiscado. Com isso depreendemos que de acordo com a cultura local não lhe foi feita justiça (porque ele ficou sem sua indenização) e a cultura europeia ainda cometeu para com ele uma injustiça – ele foi preso como espião porque os franceses, ao apropriarem-se da narrativa de Cohen, não se situaram na cultura local para entender a lógica do *Mezrag*; sendo assim, para os franceses, o

fato de Cohen ter voltado com tantos carneiros de um encontro com os berberes só fazia sentido se ele fosse um amigo de seus inimigos.

A narrativa que descreve a interação social entre os três grupos étnicos, por meio da particularidade de uma história de vida, é utilizada por Geertz para caracterizar a diversidade cultural daquela realidade e para apontar que “as descrições das culturas berbere, judaica ou francesa” (GEERTZ, 1978, p. 25) precisam ser entendidas “em termos das construções que imaginamos que os berberes, os franceses ou os judeus colocam através da vida que levam” (GEERTZ, 1978, p. 25), ou seja, ele está nos falando sobre a necessidade de “situar-nos” nas diferentes culturas porque elas são contextos, “algo dentro do qual” os “signos interpretáveis” podem ser “descritos de forma inteligível”.

Embora os franceses tivessem chegado recentemente à região, por meio do poder político e econômico eles logo procuraram imprimir seu estilo de vida aos “nativos”, que por sua vez não deixaram desaparecer os diversos aspectos da cultura local, como a tradição do *Mezrag* (algo que Claude Lévi-Strauss identificaria como solução original apresentada por uma cultura para resolver um problema). Ocorre que a partir da lógica da cultura europeia o feito de Cohen – de conseguir o ressarcimento por sua perda da própria tribo que o roubou – não pôde ser compreendido segundo o sentido em que foi narrado. Para eles, o razoável era atribuir à Cohen o papel de espião dos berberes, por ele ter voltado com tantos carneiros de um encontro com os inimigos dos franceses. O etnocentrismo dos franceses não permitiu que eles se colocassem no lugar do outro, não se situando na cultura local para atribuir sentido ao que viam. Para eles, as regras da vida social estão alicerçadas em outros valores, de acordo com os quais não é possível que uma pessoa roubada seja ressarcida pelos próprios ladrões.

O próprio autor aponta que “a partir desse simples incidente, pode chegar-se a complexidades enormes de experiência social” (GEERTZ, 1978, p. 29). Assim como a Antropologia Cultural pode, de acordo com Geertz, recortar esse incidente como objeto de estudo a partir de diversos aspectos, a Comunicação pode debruçar-se sobre as dimensões comunicacionais da situação intercultural fixada na narrativa. Nesse sentido, a Comunicação pode beneficiar-se da estratégia teórico-metodológica proposta por Geertz, e considerar ainda as articulações de sentido ligadas, inclusive, à historicidade e às esferas de poder em disputa no caso do fenômeno sociocultural relatado.

A Comunicação estuda a instituição de sentidos que circulam, da produção ao consumo, em narrativas mediadas ou não por tecnologias, assim como, nas apropriações e usos de outros objetos ou fenômenos, considerando as diversas dinâmicas socioculturais e políticas que participam dos processos de comunicação. Das disputas pela hegemonia no âmbito intra e inter cultural, numa abordagem

gramsciana, às identificações e diferenciações culturais no sentido de pertença, numa abordagem dos estudos culturais britânicos, aos mecanismos de distinção social no sentido de valor como capital simbólico, numa abordagem bourdieusiana. Portanto, assim como na abordagem de Geertz, os comunicadores precisam atentar para a maneira como os significados variam de acordo com o padrão de vida por meio do qual eles são informados. Ou seja, os comunicadores precisam se “situar” de acordo com o que a amostra descreve e reconhece como relevante, a fim de possibilitar a identificação das diversas apropriações e usos das narrativas ou outro objeto cultural analisado em sua dimensão comunicacional.

Destacamos ainda a observação do autor sobre o fato de que “o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas, do que elas e seus compatriotas se propõem” (GEERTZ, 1978, p. 19). Considerando as especificidades da relação sujeito-objeto, assim como na Antropologia Cultural, nas pesquisas em Comunicação precisamos analisar, então, como a mensagem proposta, com ou sem a mediação tecnológica, se insere nos mais variados contextos, considerando os sentidos que são reelaborados e atribuídos a esse material pela amostra.

Nesse sentido, outro estudo exemplar é o caso da leitura de Hamlet, de Shakespeare, em um contexto cultural diferente do que pode ser considerado como hegemônico, na Europa, por exemplo. É o caso da pesquisa realizada pela antropóloga, Laura Bohannan (1968, p. 477-486). Enquanto realizava seu trabalho de campo estudando a cultura dos Tiv, um povo que vive na África Ocidental, ela teve a oportunidade de ler para eles uma das obras de Shakespeare, *Hamlet*. Essa obra revela vários elementos da cultura europeia que são bastante contrastivos em relação à cultura dos Tiv, e essas diferenças se mostraram absolutamente relevantes na maneira como eles se apropriaram da obra. Destacamos, por exemplo, o fato de que na cultura europeia representada em Shakespeare a vida após a morte é concebível, bem como a possibilidade de ocorrerem aparições de fantasmas querendo comunicar-se com o mundo dos vivos – como é o caso da passagem inicial da obra quando o pai de *Hamlet* aparece depois de morto, e posteriormente, quando ele se comunica com *Hamlet*. Na cultura dos Tiv, a vida após a morte é inconcebível. Então, para eles, o que os personagens da obra viram foi um “presságio enviado por um feiticeiro” e ainda, de acordo com sua cultura, presságios não podiam falar.

Na narrativa, quando o falecido rei aparece pela primeira vez, seu filho Hamlet é comunicado do ocorrido. Para os Tiv, era para o caso ter sido relatado aos chefes e anciões, em especial para o irmão mais velho do chefe falecido. Isso porque, uma vez que em sua cultura a liderança é baseada na idade e na influência, para eles os mais velhos saberiam o que fazer diante da situação ou como interpretar o “presságio”, não se tratando portanto de um caso a ser levado para um jovem,

mesmo ele sendo filho do falecido.

Ocorre que no caso de *Hamlet*, Cláudio, o irmão mais velho do rei morto, é justamente o responsável pela sua morte. E mesmo sem sabermos disso até certa altura da narrativa, de acordo com a cultura europeia retratada na obra, só o fato de ele ter se casado com a viúva de seu irmão, Gertrudes, menos de um mês após o ocorrido, já é motivo de desconfiança. Ou seja, como o costume europeu exigia pelo menos “dois anos de luto” antes que a viúva se casasse novamente, a conduta de Cláudio e Gertrudes já é apresentada na narrativa como inadequada, até porque estava em jogo a herança do trono, que iria para Hamlet se a rainha não tivesse contraído matrimônio e agora se encontrava nas mãos de Cláudio. Já para os Tiv, é costume uma viúva casar-se com o irmão do falecido, se eles tivessem sido irmãos por parte de pai e mãe. Além disso, para eles dois anos de luto era tempo demais porque a mulher precisaria ter alguém que preparasse seus campos e executasse diversas outras tarefas que cabem ao homem, quanto mais a um líder. Sendo assim, os Tiv consideraram a conduta de Cláudio e Gertrudes muito sensata.

Destacamos esses aspectos, entre tantos expostos no trabalho de Bohannan, para apontar que ao se apropriarem da narrativa shakespereana contada a eles pela antropóloga, os Tiv interpretaram-na a partir de sua própria cultura. Eles atribuíram a *Hamlet* os sentidos que circulam em seu contexto, escutando a história a partir de sua cultura, recontaram-na, imprimindo a ela a visão de mundo de seu povo. E, por mais que a pesquisadora conhecesse as particularidades da cultura dos Tiv, não esperava que a interpretação que eles fariam de *Hamlet* divergisse daquela que ela considerava como “universalmente válida”.

Com isso, entendemos que tal como no caso retratado por Geertz, nesse episódio estudado por Bohannan também é possível observar situações que implicam questões relacionadas à comunicação intercultural: cenários em que ocorre o contato entre diferentes culturas e nos quais o pesquisador tem que considerar que os discursos que ele apreende devem ser analisados considerando-se essa diversidade. No caso de Cohen e os carneiros, os franceses atribuíram sentido para os fatos que lhes foram apresentados a partir sua própria cultura, na qual algo como o *Mezrag* não era concebível. No caso dos Tiv, a comunicação intercultural ocorre com a mediação de uma obra literária. Ao se apropriarem dessa narrativa que representa uma cultura diferente da deles, os Tiv também atribuíram sentido a ela a partir de sua própria cultura.

O caso de Cohen e os carneiros, estudado por Geertz, e o caso da leitura de Shakespeare junto aos Tiv, estudado por Bohannan, demonstram situações nas quais o objeto de estudo pesquisado pelos antropólogos está delineado em outra cultura que não a sua própria. A partir disso, consideramos que é preciso contextualizar que os processos de comunicação humana mediados por tecnologias ou não, das

sociedades simples às complexas, em algum grau e medida, integraram os objetos de pesquisas teóricas e empíricas na Antropologia.

Nesse sentido, é válido apresentarmos como a perspectiva antropológica contribui para o campo da Comunicação, em convergência com outras que investigam os processos de elaboração e reelaboração de sentidos, das disputas implicadas neles aos acordos propostos, negociados ou impostos. Nesse sentido, são ricas para a Comunicação diferentes abordagens sobre a tessitura de signos e a sua dimensão política, as diversas epistemologias sobre texto, discurso e representação e como configuram a episteme de cada conjuntura sociocultural e histórica. Destacam-se em Comunicação, por exemplo, entre outras, as perspectivas bakhtiniana e foucaultiana, a análise do discurso francesa, a semiótica peirceana, a semiologia saussureana e a abordagem lotmaniana, da semiótica da cultura, ou da semiótica russa da Escola de Tártu-Moscou.

Algumas das contribuições da Antropologia Cultural para o campo da Comunicação têm a ver com o uso de metodologias qualitativas e descritivas que procuram considerar como se dão os processos de significação a partir de cada contexto cultural, tal como demonstramos com a apresentação da abordagem de Geertz e Bohannan em pesquisas de campo. Por sua vez, essas metodologias qualitativas e descritivas estão relacionadas com uma contribuição teórica, a concepção contemporânea sobre as culturas, que pode ser apresentada em parte na definição do próprio Clifford Geertz (1978, p. 15):

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Evidentemente, essa definição, que parece se aproximar mais diretamente da escola de semiótica russa, não comporta todos os aspectos que envolvem os estudos sobre as culturas, como sua dimensão política traduzida em ideologias e as tensões e conflitos decorrentes disso. Nesse sentido, de toda a forma, é válido pontuar que o próprio Geertz afirma que é por meio da “ação social (...) que as formas culturais encontram articulação” (1978, p. 27) e também que a análise cultural não pode perder de vista o “contacto com as superfícies duras da vida – com as realidades estratificadoras políticas e econômicas, dentro das quais os homens são reprimidos em todos os lugares – e com as necessidades biológicas e físicas sobre as quais repousam essas superfícies” (GEERTZ, 1978, p. 40). Assim, apesar da abordagem weberiana marcante em sua definição, depreendemos que Geertz não quer eliminar a dimensão política da interpretação das culturas, afinal, ele mesmo propõe que o estudo das culturas precisa “treinar” suas análises em relação a essas

realidades. Uma vez considerados esses aspectos, essa definição torna-se chave para imergirmos no que consideramos ser em alguma medida a cultura do outro e procurarmos compreender a partir dela como se dão os processos de significação, inclusive as apropriações e usos dos meios de comunicação de massa – seja em outras sociedades que não a nossa ou no interior de nossa própria sociedade.

2 | DAS PESQUISAS DE GEERTZ E BOHANNAN AOS ESTUDOS DE HALL, COMUNICAÇÃO, ALTERIDADE E CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS ENTRE A PRODUÇÃO E O CONSUMO, DAS SOCIEDADES SIMPLES ÀS COMPLEXAS

A fim de nos aprofundarmos acerca dessas contribuições que podem ser percebidas no campo da Comunicação de modo mais ou menos pronunciado, a partir de apropriações diretas ou por meio de outras correntes teóricas convergentes, como os próprios Estudos Culturais que enfatizamos nessa análise pela aproximação teórico-metodológica mais ampla com o reservatório das pesquisas antropológicas, é preciso dizer que a concepção contemporânea das culturas, e mesmo o desenvolvimento de metodologias de pesquisa relacionadas a ela, se devem aos esforços constantes da Antropologia para estudar a diversidade cultural, um tema central para compreendermos as dimensões comunicacionais da heterogeneidade e da complexidade da realidade contemporânea.

Da contribuição feita pelos Estudos Culturais Britânicos para os estudos de Comunicação, em convergência com as contribuições da Antropologia, estacamos principalmente os trabalhos em que Stuart Hall demonstra como se articulam as identidades culturais na contemporaneidade e como elas medeiam os processos de significação, tornando-se bastante relevantes nos mais diversos processos culturais, sociais e de comunicação. Quando Stuart Hall (1999, p. 18-21) descreve o caso da indicação de Clarence Thomas para a vaga de juiz da Suprema Corte americana, considerando que ele é negro, que suas posições políticas são conservadoras e que, ao longo do processo de indicação pelo presidente americano, ele foi acusado de assédio sexual por uma mulher negra (Anita Hill), o pesquisador dos Estudos Culturais Britânicos mostra como se articula o jogo das identidades culturais a partir dessa situação:

Alguns negros apoiaram Thomas, baseados na questão da raça; outros se opuseram a ele, tomando como base a questão sexual. As mulheres negras estavam divididas, dependendo de qual identidade prevalecia: seu sexismo ou seu liberalismo. Os homens brancos estavam divididos, dependendo, não apenas de sua política, mas da forma como eles se identificavam com respeito ao racismo e ao sexismo. As mulheres conservadoras brancas apoiavam Thomas, não apenas com base em sua inclinação política, mas também por causa de sua oposição ao feminismo. As feministas brancas, que frequentemente tinham posições mais progressistas na questão da raça, se opunham a Thomas com

base na questão sexual. E, uma vez que o juiz Thomas era um membro da elite judiciária e Anita Hill, na época do alegado incidente, uma funcionária subalterna, estavam em jogo nesses argumentos, também questões de classe social.

Compreendemos que, assim como na situação apresentada por Geertz estavam em jogo as identidades dos judeus, dos berberes e dos franceses, e na de Bohannan, as dos Tiv e dos europeus, no caso retratado por Hall ele mostra como as diversas identidades culturais participam de nossos processos de significação na complexidade social e na heterogeneidade cultural contemporânea. Hall evidencia que, ao nos posicionarmos e agirmos nos mais diversos tipos de situação, nossas noções de pertencimento são acionadas, podendo uma sobrepor-se à outra, e embora as identidades culturais não determinem a ação social, elas medeiam nossos processos de significação. De forma semelhante, nos Estudos Culturais e na Antropologia o conceito de identidade é comumente utilizado enfatizando-se os entornos culturais e sociais do indivíduo e os mecanismos de socialização e aquisição cultural.

De acordo com Byron (1996, p. 292), os indivíduos definem a si mesmos ou são definidos pelos outros em termos de pertencimento, de modo que as características comuns que os indivíduos reconhecem uns nos outros constituem uma fonte de conhecimento, um senso de pertencimento e participam inclusive da construção da autoestima. De forma semelhante ao uso que Hall (1999, p. 8) faz do conceito – quando aponta que as identidades culturais surgem do “nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” –, em Antropologia o termo pode ser utilizado por “grupos, categorias, instituições, famílias, comunidades, classes, nações e etnias” (Byron, 1996, p. 292).

De acordo com Fredrik Barth (1998), as identidades estão associadas a valores que servem como critérios para avaliar ou negar a presença de semelhanças e diferenças entre “nós” e “eles”, de modo que, tal como compreendemos, é o processo de “codificação das diferenças culturais” que tornam as identidades diferenciais pertinentes. De acordo com Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998, p. 123-124), ao estudarmos as identidades é preciso atentar para quando

(...) o Nós constrói-se em oposição ao Eles (...). Este aspecto relacional é fundamental nas teorias interacionistas, mas também é afirmado nas abordagens mobilizacionistas em razão da importância central que elas atribuem à competição e ao conflito étnico (...). Logo não é a diferença cultural que está na origem da etnicidade, mas a comunicação cultural que permite estabelecer fronteiras entre grupos por meio de símbolos simultaneamente compreensíveis pelos *insiders* e pelos *outsiders* (...). O aspecto relacional das identidades étnicas implica igualmente que a identidade étnica só pode existir como ‘representação forçosamente *consciente* em um campo semântico onde funcionam *sistemas de oposição*’ (...).

Os autores reiteram ainda que no estudo das identidades não interessam as “diferenças culturais empiricamente observadas, mas as condições nas quais

certas diferenças culturais são utilizadas como símbolos da diferenciação entre in-group e out-group” (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, p. 129). Ou seja, tal como compreendemos, é relevante observar o discurso da amostra, a fim de identificar a que grupo os entrevistados se sentem pertencer e quais aspectos eles elegem como importantes para estabelecer as relações de identidade e alteridade na vida social e cultural, considerando que essas comparações também têm a ver com o “sistema de relações sociais tal como ele se estabelece pela alocação dos papéis e dos estatutos” (POUTIGNAT e STREIFF-FENART, p. 131), e que as identidades não são categorias estáticas.

Assim como entendemos que compreender a dinâmica das identidades culturais é fundamental para os estudos dos processos de comunicação e que essas reflexões sobre as identidades colocam a comunicação como um conceito chave para a compreensão do jogo identitário, principalmente em contextos caracterizados pelas relações interculturais. De modo que, para estudar o papel da comunicação na articulação das identidades culturais nos mais variados contextos, consideramos que é preciso observar como a amostra constrói e reconstrói a noção de “nós” e “eles”, “os de dentro” e “os de fora”, e assim por diante.

Entendemos que para estabelecer relações de identidade, também definimos relações de alteridade. Nesse sentido, é relevante expor o comentário de Geertz (2001, p. 219) sobre como mesmo na realidade contemporânea que se caracteriza por intensos processos de comunicação intercultural, e diante de um aparente processo de homogeneização cultural, acabamos reforçando o que nos distingue culturalmente, tornando central a compreensão dos processos identitários:

Seja o que for que define a identidade no capitalismo sem fronteiras e na aldeia global, não se trata de acordos profundos sobre questões profundas, porém de algo mais parecido com a recorrência de divisões conhecidas, argumentos persistentes ou ameaças permanentes, e com a ideia de que, haja o que houver, de algum modo é preciso manter a ordem da diferença.

Incorporamos essas reflexões com o intuito de apontar que as identidades culturais que medeiam os processos de significação são plurais e se articulam sobrepondo-se umas às outras de modo situacional. Além disso, ao estudar as identidades culturais é preciso atentar para o paradoxo anunciado ainda por Lévi-Strauss (1970) sobre a potencial homogeneização cultural que pode advir da inevitável e necessária comunicação intercultural. Diante dessa constatação, Lévi-Strauss (1970) aponta a necessidade de se preservar a diversidade cultural porque é justamente o que distingue uma cultura da outra que torna a comunicação intercultural fértil a ponto de contribuir decisivamente para o “progresso” de toda a espécie humana. Isso é especialmente relevante diante da afirmação de Geertz, convergente com a perspectiva de Hall, de que na contemporaneidade, mesmo com

os intensos processos de comunicação intercultural, as identidades diferenciais tendem à reafirmação.

Dos Estudos Culturais Britânicos, destacamos ainda outra relevante contribuição de Stuart Hall para o campo da Comunicação. Hall (2006, p. 333-362) demonstrou que os modelos de análise dominantes nesse campo não davam conta dos objetos de estudo da área quando, ainda em 1980, escreveu um artigo sobre os processos de codificação e decodificação que envolvem os processos de comunicação mediados pelos meios de comunicação de massa. Nele, Hall estabelece relevantes críticas aos estudos de Comunicação e traz contribuições que fizeram desse texto um marco teórico para o campo, sobretudo porque a partir dele começa a se desenvolver uma concepção contemporânea dos processos de recepção na área. Hall (2006, p. 334) se posicionou

(...) contra uma certa unilinearidade implícita nesse último modelo, seu fluxo unidirecional, isto é, o emissor origina a mensagem, a mensagem é, ela própria, bastante unidimensional, e o receptor a recebe. (...) Ora, você percebe que a implicação desse modelo é que toda a comunicação é uma comunicação perfeita? A única distorção nela é que o receptor pode não estar em condições de captar a mensagem que deveria captar. Mas se ele ou ela fosse inteligente e alerta o suficiente, obviamente não existiria nenhum problema com o significado. O significado é perfeitamente transparente: ele é uma mensagem que o receptor pode ou não entender. O comunicador quer transmitir a mensagem, então quer saber quais são os obstáculos para a perfeita transmissão do sentido.

Tal como compreendemos, esse modelo de análise não dá conta da complexidade e da heterogeneidade envolvidas nos processos de comunicação, na circulação de sentidos entre a produção e o consumo, seja no caso de Cohen e os carneiros, ou no caso de Shakespeare junto aos Tiv com a mediação do livro, ou ainda no caso da cobertura massiva dos meios de comunicação sobre a indicação de Clarence Thomas para a Suprema Corte dos EUA.

De toda a forma, esse tipo de análise que predominante no campo científico da Comunicação, na verdade, é fundada numa lógica utilitarista que sublinha os interesses dos emissores ou produtores de bens simbólicos, ou mesmo dos detentores dos meios de comunicação de massa, com vistas a atingir um mercado consumidor, o que por si só já faz dessa perspectiva um modelo de análise bastante limitado. Ao romper com esse modelo, de modo bastante pertinente, Hall (2006, p. 334) aponta que

A mensagem é uma estrutura complexa de significados que não é tão simples como se pensa. A recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente, que acontece na outra ponta da cadeia de comunicação. E a cadeia comunicativa não opera de forma linear. (...) o significado não é fixo, (...) não existe uma lógica determinante global que nos permita decifrar o significado ou o sentido ideológico da mensagem contra uma grade. (...) o sentido sempre possui várias camadas, (...) ele é sempre multirreferencial.

Ele considera ainda que é preciso sempre atentar para as culturas e ideologias

envolvidas nos processos de comunicação e para o fato de que “o mundo real não está fora do discurso; não está fora da significação” (HALL, 2006, p. 344). Nesse sentido, Hall (2006, p. 352) nos explica que não acredita que exista “um método científico completamente objetivo” ou uma “ciência que possa dar conta do sentido”, entretanto, ele aponta que é preciso desconstruir e reconstruir os textos dentro de uma perspectiva gramsciana que se distancia do formalismo despolitizado, a fim de abrir “o texto a uma variedade de significados ou apropriações” (HALL, 2006, p. 346-347). O que é especialmente relevante para os estudos de recepção dos quais o nosso trabalho se aproxima, porque essa perspectiva nos orienta a identificar “quais leituras estão operando” em campo (HALL, 2006, p. 350). Ou seja, entendemos que o que ele propõe é que observemos como diferentes “comunidades interpretativas” (HALL, 2006, p. 356) desenvolvem os processos de significação com relação ao que consomem nos meios de comunicação de massa, considerando que elas podem atribuir significados diferentes daquele que é preponderantemente proposto a elas nesses processos.

Assim, para Hall (2006, p. 345-351), tal como compreendemos, as relações de poder não estão ausentes dos processos de comunicação porque aqueles que controlam os meios de comunicação e, em boa medida, são responsáveis pela produção e reprodução de diversos tipos de “texto”, procuram determinar a “leitura”, e é preciso atentar para isso também. E de acordo com o autor, o exercício do poder se dá não só por causa do controle dos “meios de produção”, ele pode ser percebido “dentro da própria mensagem (...): ‘leia-me desta forma’”. É o que ele chama de “leitura preferencial” do ponto de vista daqueles que querem “hegemonizar as audiências”, considerando que o “poder está dentro e fora da mensagem” e “atravessa o discurso”. Entretanto, Hall reitera que, embora a “leitura” das audiências até possa se aproximar dessa leitura preferencial, enquanto comunidades interpretativas, ao longo dos processos de significação é preciso considerar que elas podem assumir também uma postura de contestação, se opondo a essa “leitura preferencial”. E, além disso, elas podem ainda fazer outras “leituras”, porque por mais que se tente amarrar uma “mensagem” a um significado, ela não tem apenas um significado, motivo pelo qual Hall (2006, p. 350) fala em “código negociado”.

REFERÊNCIAS

BARTH, F. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. In: POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. (orgs.). *Teorias da etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: UNESP, 1998.

BYRON, R. **Identity**. In: BARNARD, A. e SPENCER, J. (orgs.) *Encyclopedia of Social and Cultural Anthropology*. London: Routledge, 1996.

BOHANNAN, L. **Shakespeare in the bush**. In: DUNDES, A. (org.). *Every Man his Way. Readings in Cultural Anthropology*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1968.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEERTZ, C. **Uma nova luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, S. **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. In: Sovik, L. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

LÉVI-STRAUSS, C. **Raça e História**. In: Vários autores (orgs.) *Raça e Ciência*. Volume 1, p. 231-269. São Paulo: Perspectiva, 1970.

POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: UNESP, 1998.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aforização 176, 180, 181, 182, 186, 187
Análise de Conteúdo 124, 157
Andirá 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123
Antropologia 40, 65, 66, 68, 69, 71, 72, 73, 77, 121, 123, 204, 205
Aprendizagem 32, 35, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 153
Apresentadora 137, 139, 141, 143, 144, 145, 146

B

Big data 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

C

Capa de revista 176, 177, 178, 182, 186
Catalunha 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175
Ciberteologia 1, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13
Comportamento do Consumidor 78, 79, 80, 91, 97
Consumo 65, 66, 68, 72, 75, 82, 92, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 109, 110, 183, 188, 189, 190, 191, 200, 201, 203, 204, 206
Convergência 71, 72, 92, 95, 97, 99, 101, 102, 152, 153, 160, 166, 173
Cultura 1, 2, 3, 5, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 17, 22, 31, 35, 37, 45, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 80, 92, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 111, 113, 114, 121, 123, 126, 134, 136, 137, 139, 142, 143, 144, 145, 150, 152, 153, 154, 160, 161, 166, 169, 175, 190, 196, 204, 205

D

Destacabilidade 176, 178
Duolingo 42, 43, 45, 47, 51

E

Ecologia da Comunicação 124, 126, 136
Engenharia de Sistema 14
Ensino 19, 32, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 51, 52, 97, 120, 145, 157
Epistemologia 65, 171
Estudos Culturais 65, 66, 69, 72, 73, 75

F

Fé 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 118, 119, 121, 133, 134

Frases sem texto 176, 178, 187

I

Interconectividade 14, 21, 33, 38, 39

Intersubjetividade 14, 21, 26

Intolerância Religiosa 124, 125, 131, 132, 133, 134, 135, 136

L

Língua estrangeira 42, 43, 46, 52

M

Marketing 78, 79, 82, 83, 84, 86, 90, 91, 96, 97, 99, 100, 102, 103, 205

Memória 35, 110, 111, 112, 114, 115, 118, 119, 122, 123, 153

Metodologia 14, 20, 21, 23, 65, 78, 84, 90, 119, 121, 123, 126, 145, 157

Mídia 1, 16, 33, 35, 92, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 107, 108, 109, 110, 111, 124, 136, 140, 141, 147, 148, 150, 152, 153, 159, 160, 162, 206

Mídias 5, 11, 13, 35, 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 92, 95, 97, 99, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 153, 154, 167, 206

Midiativismo 149, 158

Minimercados 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86, 87, 89, 90

Mulher negra 72, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Música 50, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 192, 205

O

Objetivação 14, 17, 21, 22, 24, 25, 36

Opinião Pública 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 133, 164

P

Pesquisas 21, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 69, 71, 72, 88, 145

Plataforma digital 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 28, 32, 33, 36, 37

Q

Questionários 53, 54, 59, 60, 62, 63, 64, 84

Quilombos 114, 115, 122, 123

R

Redes sociais 4, 5, 7, 11, 95, 96, 138, 149, 150, 152, 154, 159, 160, 161, 178, 206

Requisitos 14, 23, 32, 36, 40, 41

Revista semanal 176, 178

S

Semiótica 71, 104, 105, 107, 112, 113

Separatismo 162, 163, 164, 168, 170, 172, 174

Sociedade 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 12, 13, 24, 26, 27, 28, 34, 39, 41, 42, 44, 55, 59, 67, 72, 82, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 114, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 144, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 158, 159, 163, 165, 190, 195, 200, 201, 203, 204, 205

Subjetivação 14, 17, 21, 23

Supermercados 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 89

T

Televisão 93, 101, 131, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 153, 201

Territorialidade informacional 149, 154, 157, 158, 160

Tradição 8, 12, 68, 114, 118, 119, 121, 123, 134

 **Atena**
Editora

2 0 2 0